

"No Brasil, ainda existe muitos índios que não são civilizados, mas, em grande parte também os índios já se comportam como todo ser humano. (. . .) Eles tem costume de brincar de fantasma usando lençóis brancos e outros objetos como fantasia: colares e vários enfeites coloridos."

"mas os índios de antes eram muito rebeldes, não podendo ver pessoas estranhas. Agora os índios já estão bem desenvolvido e bem calmos."

"O Juruna é que comanda tudo, se o Juruna manda eles matar alguém, eles matam. Todo mundo pensa que índio é mau, na verdade eles são bem mais civilizados que nos brasileiros. A não ser o índio africano, esses são fogo na roupa, se marca eles até te come."

"Os índios antigamente eram super diferentes, eles falavam uma língua totalmente diferente. Eles não dormiam, ficavam dia e noite batucando. Os homens eram pintados, usavam brincos e colares."

Estes são trechos de redações elaboradas por alguns alunos de uma escola da rede estadual de ensino, na periferia de São Paulo. A pedido do

professor, alunos da 6ª série do 1º grau escreveram sobre "Os índios brasileiros". Os trechos falam por si sós: estereótipo e preconceito. A única certeza é

* Pesquisador no Acervo Plínio Ayrosa – Departamento de Ciências Sociais – USP.

a de que os índios mudaram. Entretanto, como eram antes e o que são hoje está envolto na mais completa falta de informação, numa visão absolutamente distorcida.

Analisando e criticando este quadro e fazendo propostas para revertê-lo, o livro A Questão Indígena na Sala de Aula – Subsídios para Professores do 1º e 2º Grau, organizado por Aracy Lopes da Silva, antropóloga e professora na Universidade de São Paulo, surge como mais uma contribuição da Comissão Pró-Índio de São Paulo, na tentativa de, através de uma melhor formação de nossos jovens, construir uma sociedade pluriétnica, capaz de respeitar e conviver com diferentes valores e normas.

O livro, composto por nove artigos, divide-se basicamente em duas partes: uma crítica, e outra de propostas, que são precedidas por um prefácio de Frei Beto, "Tanta Mentira, que Parece Verdade", onde ele enfatiza o carácter enganador e desvirtuado da história oficial, que reproduz e, ao mesmo tempo, revigora as estruturas de uma sociedade injusta e opressora, incapaz de conviver com as diferenças. Segundo ele, "só a ótica dos oprimidos nos aproxima da verdade histórica"(8), e é esta a lição "simples embora difícil" que este livro procura ensinar

Os dois primeiros artigos, "O Racismo nos Livros Didáticos", de Mauro W.B. Almeida, e "A Imagem do Índio no Livro Didático: Equivocada, Enganado-

ra", de Norma Telles, mostram as deficiências dos livros didáticos em dar conta da questão da diversidade étnica e social no Brasil, da época do descobrimento aos dias atuais. Com isso, os livros didáticos, que têm um importante papel na formação de nosso referencial explicativo da realidade, acabam por gerar nas crianças uma visão preconceituosa, racista e falsa a respeito das sociedades indígenas.

Antonio Hotsfeldt em "A Vertente Indianista da Literatura Brasileira" analisa as diversas formas pelas quais os índios foram vistos e expressos na nossa literatura, desde o primeiro documento a respeito do Brasil, a Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel, até os romances atuais enfocando a realidade indígena hoje.

Nos artigos "Adaptação de Mitos Indígenas na Literatura Brasileira" e "Análise Crítica do Romance Cem Noites Tapuias", a profª Renate Brigitte Viertler critica o uso de mitos indígenas em publicações para as crianças, e a mistura, sem critérios, de dados etnográficos na elaboração de histórias sobre os índios. A falta de conhecimento, tanto das particularidades da mitologia, como de dados etnográficos precisos sobre as sociedades indígenas, faz com que estas publicações acabem por gerar uma série de estereótipos que em nada contribuem para uma adequada formação das crianças. O correto manuseio de informações sobre as sociedades indígenas deveria conduzir as crianças à compreensão da "viabilidade de ordens

sociais humanas em que vigoram valores e condições diversos dos nossos.” (118). Exceção que a autora não faz, mas deve ser feita à coleção Morená, Ciça Fittipaldi, editada pela Melhoramentos, que trata com seriedade e criatividade os mitos e lendas indígenas adaptados.

No artigo “Jogando e ‘Aprendendo’ a Viver”, o prof. Renato da Silva Queiroz mostra como o preconceito e a discriminação se fazem presentes, desde cedo, no universo das crianças, quer através de certas formulações, “Amanhã é dia de branco”, ou de certos jogos, como o Jogo do Mico Preto.

A segunda parte do livro, Propostas, inicia-se com um artigo da Prof^{te} Aracy Lopes da Silva, “Nem Taba, nem Oca: Uma Coletânea de Textos à Disposição dos Professores”, onde ela reúne um conjunto de cinco textos, a serem utilizados por professores do 1º e 2º graus, na tentativa de construir “um quadro conceitual básico para o tratamento da questão indígena em sala de aula”(129).

Ana Vera Lopes da Silva Macedo em “Reescrevendo a História do Brasil”, além de fazer uma importante denúncia a respeito de como as editoras

“dominam o mercado do livro didático e estabelecem as diretrizes do quê e do como os alunos e professores devem pensar”(217), propõe um interessante material didático alternativo sobre uma parte da história do Brasil, superando em qualidade os insuficientes textos dos livros didáticos em circulação.

Este livro termina com: um levantamento amplo, embora não exaustivo, de Lídia Izabel de Luz sobre as “Fontes de Informações sobre Populações Indígenas no Brasil”, que está dividido em três blocos: algumas referências bibliográficas; audiovisuais e filmes; e, por último, um cadastro de museus, periódicos, entidades indígenas do Brasil e de apoio à luta indígena.

É, sem dúvida alguma, um livro que faltava nas bibliotecas escolares e nas reuniões pedagógicas onde se define o conteúdo das disciplinas escolares. Criticando e fazendo propostas, esta coletânea de artigos demonstra o muito que se tem a fazer, a nível da educação, para uma efetiva formação de futuros cidadãos conscientes e bem informados a respeito não só da realidade indígena hoje, mas da realidade brasileira permeada por tantas desigualdades e injustiças sociais.